

**OUTRAS VOZES, OUTRAS VERSÕES: LEITURA, ESCRITA E
TESTEMUNHO SOBRE A DITADURA BRASILEIRA EM *O CORPO
INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE, E *SOBRE O QUE NÃO FALAMOS*, DE
ANA CRISTINA BRAGA MARTES¹**

**OTHER VOICES, OTHER VERSIONS: READING, WRITING AND
TESTIMONY ABOUT THE BRAZILIAN DICTATORSHIP IN *O CORPO
INTERMINÁVEL*, BY CLAUDIA LAGE, AND *SOBRE O QUE NÃO FALAMOS*,
BY ANA CRISTINA BRAGA MARTES**

Tamara dos Santos²

RESUMO

O trabalho aborda como os testemunhos sobre a ditadura militar brasileira são abordados nos romances *O corpo interminável* (2019), de Claudia Lage, e *Sobre o que não falamos* (2023), de Ana Cristina Braga Martes. A partir de Giorgio Agamben, Marcio Seligmann-Silva e Jeanne Marie Gagnebin, retoma-se o conceito de testemunho e a escrita literária como meio para que o sobrevivente testemunhe sobre um evento limite, no caso, o desaparecimento da mãe dos protagonistas. Através da elaboração literária, pautada em pesquisas em livros, documentários, dicionários, depoimentos e visitas a lugares de memória, os personagens Daniel e Clara são movidos a escrever desde a infância, em um trabalho de travessia do luto através da linguagem escrita. Desta maneira, aponta-se uma nova tendência narrativa nos livros analisados, que é reportada pela perspectiva dos filhos dos militantes políticos.

Palavras-chave: Literatura e testemunho, Literatura e ditadura, Romance brasileiro contemporâneo, Literatura brasileira contemporânea.

ABSTRACT

This paper looks at how testimonies about the Brazilian military dictatorship are addressed in the novels *O corpo interminável* (2019), by Claudia Lage, and *Sobre o que não falamos* (2023), by Ana Cristina Braga Martes. Based on Giorgio Agamben, Marcio Seligmann-Silva and Jeanne Marie Gagnebin, the concept of testimony and literary writing is taken up as a means for the survivor to testify about a limiting event, in this case, the disappearance of the protagonists' mother. Through literary elaboration, based on research into books, documentaries, dictionaries, testimonies and visits to places of memory, the characters Daniel and Clara have been driven to write since childhood, in a work of mourning through written language. This points to a new narrative trend in the

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Doutoranda em Letras – Estudos de Literatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestra em Letras – Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: tamaralettras9@gmail.com

books analyzed, which is reported from the perspective of the children of political activists.

Keywords: Literature and testimony, Literature and dictatorship, Contemporary brazilian novels, Contemporary brazilian literature.

As produções literárias brasileiras da última década (2014-2024) têm trazido à tona de modo recorrente a questão da ditadura cívico-militar. Nesse sentido, autores como Bernardo Kucinski, Sônia Bischain, Milton Hatoum, Luciana Hidalgo, entre outros vários nomes, são expressões da elaboração a respeito da memória coletiva de temas subjacentes à ditadura, como a tortura, o trauma e o memoricídio que ocorreu em relação aos mortos e desaparecidos do regime.

Dado o contexto, o objetivo do trabalho é analisar dois romances que elaboram a memória dos sobreviventes da ditadura, a saber *O corpo interminável* (2019), de Claudia Lage, e *Sobre o que não falamos* (2023), de Ana Martins Braga Martes. Ambos os protagonistas narram experiências de silenciamento sobre suas origens familiares, tiveram seus pais desaparecidos e, por isso, empreendem pesquisas a respeito de suas histórias em livros. Ao mesmo tempo, através da escrita, ambos os personagens dos dois romances buscam reivindicar e resgatar a autoria das narrativas, para que possam elaborar suas próprias versões a respeito das mortes de seus pais e de suas sobrevivências.

O romance de Claudia Lage trata da história de Daniel, um menino que escreve desde cedo sobre o desaparecimento da mãe, que encontra Melina, uma moça que, conforme a narrativa avança, descobre que o pai era o responsável por fotografar os corpos assassinados da Casa da Morte, em Petrópolis, no Rio de Janeiro. A partir da infância, Daniel percorre livros e bibliotecas em busca de explicações que o avô não conta. Desta maneira, ao decorrer da narrativa por meio de fragmentos, Daniel exercita possibilidades de escrita de acontecimentos possíveis durante o período de chumbo da ditadura brasileira, como a vida na clandestinidade, o amor entre militantes e pessoas sem vinculação política, a gravidez e a tortura de mulheres grávidas, a partir de livros, fotografias, documentários e outros materiais.

O romance de Ana Martins Braga Martes também traz como protagonista, em primeira pessoa, Clara, uma menina que tem cerca de onze anos e não sabe o que

aconteceu com seus pais. Vive com os avós desde o nascimento, avó imigrante italiana e avô libaneses, em uma vila em uma cidade que não pode ser localizada, ela se percebe enquanto menina negra, filha de mãe branca e pai negro, e se descobre sobrevivente de uma violência ocorrida pouco antes de seu nascimento por agentes da ditadura militar. A partir de sua investigação com pessoas que conviviam com seus pais e moravam próximos à casa deles, Clara faz uma pesquisa, em que há diferentes versões do acontecimento, que vai anotando em um caderno, para reorganizar os fatos e para narrar de um modo diferente da versão publicada no jornal, de que seu pai havia assassinado sua mãe e fugido.

Assim, por meio da leitura de materiais e da escrita, os personagens acabam por transformar suas vidas a partir da resignificação sobre a memória, que inicia durante a infância dos personagens. Nesse sentido, o trabalho vai recuperar e analisar as passagens em que a leitura e a escrita aparecem nos dois romances, especialmente em relação à infância. Na primeira seção, ocorre uma retomada teórica sobre o testemunho a partir da escrita ficcional, com Giorgio Agamben (2008) [1998], Jeanne Marie Gagnebin (2006, 2010), e Marcio Seligmann-Silva (2023) [2022]. Na segunda e terceira seções, são investigados os processos de leitura e escrita nos romances. Em seguida, na subseção posterior, há uma comparação entre eles. A metodologia utilizada para a análise dos excertos será a comparação e o contraste entre as duas narrativas em relação à questão da leitura e escrita para a elaboração do testemunho.

Testemunho: conceito e discussão

A noção de testemunho foi discutida a partir de acontecimentos-limite, como foram a Shoá, a segunda guerra e a bomba atômica, em Hiroshima e Nagasaki, por exemplo, ou ainda nas ditaduras militares que ocorreram na América Latina nas décadas de 1960 a 1970. Pode-se dizer que o testemunho se dá a partir da sobrevivência a uma situação catastrófica a partir da qual o sobrevivente sente-se na necessidade de falar por (e com) aqueles que pereceram, de falar para que seja feita alguma justiça. Para Giorgio Agamben (2008) [1979], o conceito de testemunha pode ser analisado a partir da etimologia:

Em latim, há dois termos para representar a testemunha. O primeiro, *testis*, de que deriva o nosso termo testemunha, significa etimologicamente aquele que se põe como terceiro (*terstis*) em um

processo ou em um litígio entre dois contendores. O segundo, *superstes*, indica aquele que viveu algo, atravessou até o final um evento e pode, portanto, dar testemunho disso (Agamben, 2008, p.27).

Agamben apresenta três termos, *testis*, *terstis* e *superstes*, que indicam sentidos do testemunho. A *testis*, mais próxima à noção intuitiva sobre a palavra, testemunhar um fato e narrá-lo; a *terstis*, em que a testemunha ocupa uma posição de terceiro em uma disputa entre duas posições, sem necessariamente ter participado dela; e o *superstes*, no qual vivencia-se uma situação-limite e sobrevive-se a ela, a partir da qual a testemunha pode falar. Por outro lado, Agamben examina também outra origem da palavra: “No grego, testemunha é *martis*, *martir*. (...) deriva de um verbo que significa “recordar”.

Cabe retomar que Henri Bergson (1990) [1896] percebe a memória como evento de reelaboração do passado no presente, e a lembrança pode ser percebida como “a representação de um objeto ausente” (Bergson, 1999, p.275). De modo sintético, na mesma direção, uma das acepções de Paul Ricoeur sobre a memória é percebê-la como luta contra o esquecimento (Ricoeur, 2013, p.424). Nesse sentido, o “testemunho constitui a estrutura fundamental da transição entre a memória e a história” (Ricoeur, 2007, p.41), importantíssimo para a recuperação dos rastros e para o exercício do dever de memória. Por isso, o sobrevivente é, por excelência, aquele que tem o dever do que Gagnebin chama de lembrar ativo: “um trabalho de elaboração e de luto em relação ao passado, realizado por meio de um esforço de compreensão e de esclarecimento – do passado e, também, do presente” (Gagnebin, 2006, p.105). E não apenas para elaborar o luto, o sobrevivente “lembra dos mortos, por piedade e fidelidade, mas também por amor e atenção aos vivos” (Gagnebin, 2006, p.105).

Desta maneira, outro importante significado da palavra testemunha-sobrevivente se relaciona com lembrar o passado: “O sobrevivente tem a vocação da memória, não pode deixar de recordar” (Agamben, 2008, p.35-36). Ao mesmo tempo em que o significado de sobreviver/testemunhar passa pela possibilidade de narrar a experiência e a busca pela justiça, o testemunho traz em si uma lacuna constitutiva, o indizível:

A testemunha comumente testemunha a favor da verdade e da justiça, e delas a sua palavra extrai consistência e plenitude. Nesse caso, porém, o testemunho vale essencialmente por aquilo que nele falta; contém, no seu centro, algo intestemunhável, que destitui a autoridade dos sobreviventes. As “verdadeiras” testemunhas, as “testemunhas

integrais” são as que não testemunharam, nem teriam podido fazê-lo. São os que “tocam o fundo”, os mulçumanos, os submersos. Os sobreviventes, como pseudotestemunhas, falam em seu lugar, por delegação: testemunham sobre um testemunho que falta. (...) Quem assume para si o ônus de testemunhar por eles, sabe que deve testemunhar pela impossibilidade de testemunhar (Agamben, 2008, p.43).

A falta constitutiva do testemunho aponta para o caráter intestemunhável do que é relatado, pois a lacuna decorre da ausência daqueles que não estão presentes para contar, os “submersos”. É nesse sentido que os sobreviventes, apesar das tentativas de comunicar o incomunicável, colocam-se como pseudotestemunhas, pois elas permanecem vivas enquanto quem de fato deveria ter voz não está presente para narrar:

Trata-se, no fundo, de lutar contra o tempo e contra a morte através da escrita – luta que só é possível se morte e tempo forem reconhecidos, e ditos, em toda a sua força de esquecimento, em todo o seu poder de aniquilamento que ameaça o próprio empreendimento do lembrar e do escrever (Gagnebin, 2006, p.146).

Desse modo, a literatura possibilita a elaboração dos traumas decorrentes da ditadura militar e de seus aparelhos repressivos a partir da necessidade de testemunho, que promove a escrita através da composição ficcional. Nesse sentido, Márcio Seligmann-Silva (2003, p.45) afirma que a literatura pode surgir a partir do testemunho: “Não é o poema ou o canto que podem intervir para salvar o impossível testemunho; pelo contrário, se muito, é o testemunho que pode fundar a possibilidade do poema”. Assim, escrever literatura é um meio para que o testemunho se dê entre a simultânea necessidade e impossibilidade:

Testemunha-se um excesso de realidade e o próprio testemunho enquanto narração testemunha uma falta: a cisão entre a linguagem e o evento, a impossibilidade de recobrir o vivido (o “real”) com o verbal. O dado inimaginável da experiência concentracionária desconstrói o maquinário da linguagem. Essa linguagem entravada, por outro lado, só pode enfrentar o “real” equipada com a própria imaginação: por assim dizer, só com a arte a intraduzibilidade pode ser desafiada – mas nunca totalmente submetida (Seligmann-Silva, 2003, p.46-47).

A linguagem travada, característica de elaborações sobre o trauma, também ocorre a partir da retomada da memória. Nesse sentido, na relação entre memória e escrita, Gagnebin afirma que lembrar consiste na interpretação e criação a partir de acasos: “O que existe é muito mais o trabalho de travessia, de prova, de escuta, de

exploração tateante de um imenso território desconhecido” (Gagnebin, 2006, p.159). Desta maneira, no confronto com a perda, com o esquecimento, com o tempo e com a morte, há um processo de elaboração lenta e conturbada contra a morte e o esquecimento: “Não se trata simplesmente de reencontrar uma sensação de outrora, mas de empreender um duplo trabalho: contra o esquecimento e a morte, um, o lado "objetivo" do tempo aniquilador; contra a preguiça e a resistência, outro, o lado "subjetivo" do escritor que se põe à obra” (Gagnebin, 2006, p.154-155).

Assim, pode-se considerar que a linguagem entravada, na qual a imaginação busca preencher as lacunas através da invenção ficcional, é uma das principais estratégias narrativas dos romances de Lage e Martes. De modos distintos, os romances lidam com o testemunho a partir da morte das mães dos protagonistas, o que confere certo tom para as narrativas. Enquanto Lage lida com a infância a partir da perspectiva do personagem Daniel narrando a infância enquanto adulto e escritor, Martes lida com a passagem da infância para a adolescência de Clara e as descobertas que a garota faz, o que implica o amadurecimento e a apropriação da própria narrativa, como será explorado, exemplificado e discutido na sequência.

Distâncias, presenças e ausências: leitura e escrita em *O corpo interminável*

O livro de Claudia Lage divide-se em quatro seções, (1) distâncias (Lage, 2019, p.13-18), (2) presenças (Lage, 2019, p.21-93) (3) distâncias (Lage, 2019, p.97-102) e (4) corpos (Lage, 2019, p.105-194). A primeira seção, distâncias, inicia a partir de pequenos fragmentos, narrados por uma voz feminina que busca se localizar diante do cenário em que se encontra, ao fazer gestos repetitivos com o braço: “Estou sozinha e levanto o braço. Me pergunto se este gesto, por si, já demonstra insanidade, o braço levantado, o resto do corpo móvel, a sala em silêncio” (Lage, 2019, p.13). Tal como nesta citação, grande parte da narrativa ocorre em episódios imaginários, nos quais Daniel exercita a criatividade para preencher lacunas sobre sua mãe e sobre o que ela pode ter vivido durante os anos de chumbo.

Conforme a narrativa da personagem feminina avança, estabelece-se imediatamente uma referência para Alice, de Lewis Carroll: “Sonhei de novo com a toca do coelho. Estava lendo ou tinha acabado de ler o livro, não importa. No sonho, o livro nunca terminava, a última página me levava de volta à primeira e da primeira caía num abismo na última. Eu caía, caía, como se o livro fosse a própria toca” (Lage, 2019,

p.13). A referência é insistente pois o único contato que tem com algo pessoal da mãe, que fornece subsídio para a imaginação sobre a infância e adolescência da mãe, único objeto pessoal exemplar que escapou do fogo feito pelo avô.

A subsequente seção, presenças, inicia com a descrição de uma imagem de um corpo nu de uma mulher torturada e assassinada durante a ditadura. A partir do contato com diferentes fontes sobre este tema, o personagem-protagonista Daniel encontra Melina, uma jovem que também pesquisa sobre a ditadura na América Latina: “Estávamos procurando o mesmo livro na biblioteca, um livro com apenas um exemplar no catálogo. Estava sempre ali, na estante. Naquele momento, jazia aberto sobre a mesa, o meu tronco debruçado sobre suas páginas, quando senti uma presença atrás de mim” (Lage, 2019, p.22). Assim, Daniel lia muito sobre ditadura, o que fomentava sua escrita. No entanto, com um tema tão inquietante como a tortura e os mandos e desmandos ocorridos no período ditatorial, tal escrita nem sempre era fácil:

Depois da leitura, eu costumava escrever alguma coisa. Era uma necessidade, sobre as palavras lidas colocar as minhas, mas nunca imediatamente, meu corpo precisava de um tempo, o tempo necessário para lidar com tudo, o tempo para o tempo agir, só depois, quando as palavras saíam do papel, tomavam outro rumo, eu anotava o que tinha restado. Melina me disse que eu faço o contrário, anoto a partir do esquecimento. Foi ela que me deu a foto, foi ela que disse, Daniel, veja isto. Dias depois, eu peguei a caneta, abri o caderno e nada me veio. Eu não sabia o que escrever (Lage, 2019, p.21-22).

A motivação de Daniel pelo tema vinha de origem familiar, pois: “Quando eu respondi que lia por causa dos meus pais, ou melhor, da minha mãe, que foi guerrilheira, que está na lista dos desaparecidos, como tantos estão, ela me pegou pelo braço” (Lage, 2019, p.22-23). Em um primeiro momento, a principal motivação de Melina era certo alheamento de sua família sobre a questão: “Só depois que dividimos uma garrafa de vinho ela me disse que, sim, era também uma questão pessoal, de forma oposta à minha: ver aquilo que seus pais não viram, abrir os olhos para o que eles fecharam” (Lage, 2019, p.23). Com o avanço da narrativa, os leitores descobrem que o pai de Melina era um fotógrafo dos corpos que foram torturados na Casa da Morte, que se localizava em Petrópolis, no Rio de Janeiro.

Devido à densidade do que deveria ser contado, a escrita demorava e exigia o exercício imaginativo de diversas possibilidades de preenchimento das lacunas, a partir dos diversos materiais consultados por Daniel e Melina na biblioteca. Quando a escrita

vinha, Daniel permitia-se a elaboração sobre o mistério sobre sua mãe e seu desaparecimento, o silêncio do avô e a ausência do pai:

Era quase um alívio, embora alívio não seja a palavra justa para o que líamos, era quase uma alegria, embora isso não seja verdade. Às vezes, durante a leitura, nos olhávamos, felizes. Estávamos lendo coisas terríveis, sofrendo com o alto grau de violência, repressão e medo. Era insuportável pensar naquilo. Que os seus pais haviam ignorado tudo aquilo. Era insuportável pensar que minha mãe tinha vivido aquilo. Que os seus pais haviam ignorado tudo aquilo. Era insuportável pensar naquilo (Lage, 2019, p.23).

A partir da escrita, Daniel tenta achar palavras para narrar a experiência traumática, ainda que considere elas insuficientes para elaborar o tamanho do horror vivido por aquelas pessoas, vítimas de diversas violências. Entre a insuficiência e a necessidade de narrar, Daniel escreve, em uma tentativa de selecionar o que é necessário lembrar e o que deve ser esquecido. Deve-se ressaltar que, conforme Gagnebin (2006), lembrar e esquecer são faces de uma mesma moeda, pois, para lembrar, é necessário esquecer. Desse modo, a escrita ocorre como necessidade de lembrar e de falar sobre aqueles que não estão mais presentes para se fazerem ouvidos, para que não sejam esquecidos:

Às vezes, eu tentava anotar alguma coisa, ali mesmo, no calor da hora, mas a ponta do lápis mal levantava do papel, eu apagava o que havia escrito. Melina nunca escrevia nada, nunca tinha uma caneta ou caderno. Olhava demoradamente para as páginas, como se as registrasse mentalmente. Já eu desviava logo os olhos, como se pudesse esquecê-las. Só depois, muito depois, conseguia escrever. Ainda assim, me sentia como se cometesse um equívoco. Um grande equívoco. Como se forçasse aquelas pessoas, tão reais, tão vivas dentro de suas lutas, desaparecimentos e mortes, a se tornarem meras referências em um texto, ou pior, personagens, meus personagens, como se eu impusesse a elas, depois de tudo que viveram, algo tão frágil, capaz de se desmantelar ao menor sopro, à mínima insistência, uma farsa, uma representação (Lage, 2019, p.23-24).

A partir da escrita, que é embasada pela leitura, Daniel busca lidar com o trauma através das palavras e das informações que consegue acessar nas pesquisas e nas leituras. Pode-se observar a autopercepção de Daniel como pseudotestemunha, pois ele é um sobrevivente do evento que foi a abordagem dos militares e o desaparecimento da mãe. Em contraponto, Melina elabora suas percepções através das imagens, processo

que inicia na infância, quando ganha uma máquina fotográfica da mãe e que será destruída pelo pai, que sente um grande mal-estar ao ver a angústia evidente nas fotos feitas pela menina. Entre palavras e imagens, ambos tentam elaborar os eventos traumáticos decorrentes dos envolvimento dos pais com a militância, no caso de Daniel, e com a participação direta nos aparatos de repressão, como no caso de Melina.

Enquanto não consegue escrever a narrativa de sua mãe, Daniel não consegue viver normalmente, pois entende o dever de relatar o que ocorreu com ela. Entre os vários fragmentos esparsos, os leitores descobrem que o menino possivelmente foi deixado na casa de seu avô, em um ato corajoso da mãe antes de ser levada pelos militares. Como não tem elementos documentais para sua narração, Daniel busca avidamente através de documentos na biblioteca dados que facilitem sua imaginação a imaginar respostas possíveis para os últimos meses de vida de sua mãe, caso ela tivesse escapado para outro país:

O número de suicídios de ex-guerrilheiros no exílio é maior do que se imagina, lemos uma vez na biblioteca, é uma conta que ainda não fechou, estava escrito no livro que não conseguíamos terminar, ao qual voltávamos sempre para rever uma passagem, para entender melhor um trecho (Lage, 2019, p.29).

Durante a narrativa, há também referência a entrevistas e documentários, sobre o documentário *Brasil: relato da tortura*: “Eu vi um documentário, Melina disse, uma produção latino-americana, acho que chilena, deve ser, já que tanta gente se refugiou lá. Nesse documentário, brasileiros tinham acabado de sair das prisões, das salas de tortura, tinham conseguido sobreviver a tudo e deixar o país” (Lage, 2019, p.27). A partir dos depoimentos, especialmente o de Maria Auxiliadora Lara Barcelos, que ri enquanto fala sobre as atrocidades cometidas contra si a pouco tempo atrás, Melina destaca que: “Mesmo que a moça não soubesse, não pensasse nisso na hora, havia um esforço que criava essa distância, essa distância enorme, entre a palavra e o fato, entre a palavra e o sentimento” (Lage, 2019, p.28). As distâncias que nomeiam duas seções do livro operam de acordo com a mesma lógica, em que, embora sejam tentativas de imaginar possíveis cenários para a vida da mãe enquanto presa ou fugitiva, escondem uma dificuldade e uma dor grandes, que podem ser parcialmente elaboradas apenas ao final do livro, na seção corpos.

No silêncio, o grito: leitura e escrita em *Sobre o que não falamos*

Por outro lado, o romance de Martes coloca a questão das versões de uma história, a partir da qual Clara retoma a autoria de sua própria história: “assim que cheguei em casa, abri a porta do meu quarto, peguei um caderno e escrevi tudo, palavra por palavra do que ele tinha contado. Se o jornal tinha escrito uma história falsa, eu também queria escrever a minha versão”. (Martes, 2023, p.158). Depois de descobrir repentinamente a narrativa que foi publicada no jornal sobre seus pais, ela empreende uma busca pela versão dos vizinhos, amigos e parentes que convivem com seus pais. Assim, descobre que seu pai, que estava envolvido com as lutas sindicais, e sua mãe foram assassinados pela repressão em um evento forjado pelos militares. Logo após, levada às pressas para o hospital, Clara nasceu prematura, retirada às pressas do corpo da mãe logo após o assassinato. A descoberta, através de uma reportagem antiga de jornal, faz com que haja uma grande necessidade de entender o significado da palavra ditadura:

Mudei logo de assunto para ela achar que não tinha me atingido dessa vez e que eu era capaz de pensar coisas que só adultos pensam: você sabe o que é ditadura? Credo, que pergunta! [...] Credo, ela repetiu, mas que pergunta, hem? Isso é pra quem tem mais de dezesseis. Vou fazer treze ainda. Começou a contar nos dedos: no mínimo quinze, com certeza. Bom, perai... tem a ver com política. E isso não posso perguntar pra minha mãe, ela detesta (Martes, 2023, p.138).

Na passagem da infância para adolescência, o ato de escrita no caderno que a jovem vai empreender marca o início de uma travessia, a partir da qual Clara sai de uma situação de medo e silêncio para a busca das informações e consegue falar por si mesma, a sua própria versão dos fatos. O amadurecimento da garota é favorecido pela curiosidade, pois existe um tabu em relação ao que está ocorrendo na vila: “Tudo o que eu queria era saber o significado daquelas palavras que a professora tinha falado e que apareciam escritas nos muros da Vila” (Martes, 2019, p.142). Enquanto ficou cuidando do armazém de seu avô, a menina fez uma pequena lista de palavras: “Não entrava nenhum freguês, e eu escrevi as palavras que a professora tinha mencionado naquele dia. Comunista e ditadura eram as mais importantes. E nos muros: abaixo a ditadura (ditadura de novo), morte aos comunistas (comunista outra vez); greve geral, liberdades

democráticas” (Martes, 2023, p.141). Para descobrir alguma informação, Clara quer acessar o dicionário de sua colega de escola, apelidada de Cegonha:

A Cegonha fez cara de quem acabou de ter uma ideia genial: tem um dicionário lá em casa. Como você é minha amiga, pego lá, é rapidinho. Voltou trazendo um livro imenso e gordo, devia ter mais de cem anos, e muito pesado. Apoiou o livro no balcão, ajeitou, abriu a capa dura e marrom, dizendo ser muito raro o livro dela, e leu a primeira página: *diccionario*, com dois “Cs” e sem acento! *Diccionario critico e etymologico da lingua portuguesa*. Com “Y”! Perguntei onde ela tinha arranjado aquilo. Era do meu avô, ele ganhou do pai dele. Muito velho e precioso, minha mãe não pode saber que tirei lá de casa. Deve valer muito, é caro porque ninguém mais tem (Martes, 2023, p.138-139).

A primeira tentativa de Clara de descobrir os significados é frustrada, pois o dicionário antigo era e não havia explicação sobre o que motivou a pesquisa em outro dicionário: “E aí, ainda quer descobrir aquelas palavras? Quero, respondi. Tá, tive uma ideia. Na casa dos gêmeos tem um dicionário novinho, a mãe deles ganhou no bingo da quermesse da igreja. Peraí, volto logo” (Martes, 2023, p.141). Quando consegue acessar, as respostas não são o que a menina esperava: “Quer saber o que é comunista, né? Aqui, comunista: 1) de ou pertencente ou relativo ao próprio do comunismo: a ideologia comunista. 2) militante de partido comunista ou sectário do comunismo. Fiquei inconformada, como se o dicionário estivesse me traindo” (Martes, 2019, p.141). Apesar disso, a pesquisa prossegue, lida em voz alta por Cegonha:

Ela puxou o livro para mais perto: ditadura, não custa tentar de novo neste aqui. E foi passando o dedo de cima para baixo: dita, ditado, ditador serve? Aqui, aqui: di-ta-du-ra, ditadura. Deu sorte, logo aqui, “forma de governo em que todos os poderes se enfeixar nas mãos dum indivíduo, dum grupo, duma assembleia, dum partido ou duma classe”. Entendeu? Todos os poderes? Que poderes? Enfeixa, o que é isso? O que quer dizer? Calma, ainda tem o 2: “qualquer regime de governo que cerceia ou suprime as liberdades individuais. Cerceia, suprime, cada palavra! E o 3, última chance: “excesso de autoridade, despotismo, tirania”. Tá vendo, por isso que não uso dicionário, não adianta nada. Você entendeu? Depois vem ditadura do proletariado, ah! chega, esse livro é pra gente velha. Muito velha mesmo. Vou devolver (Martes, 2023, p.143-144).

Apesar de não encontrar as respostas, Clara se sente motivada a buscar seus vizinhos, que eram amigos de seus pais, para recompor o cenário da noite em que eles foram mortos. Nota-se a inocência característica da infância na leitura que não entende os significados de algumas palavras ou do conceito de poder, que é abstrato ainda para a

idade. Ainda assim, a partir da pesquisa, a menina persiste em sua procura e acaba por preencher algumas das lacunas sobre seus pais que os avós não haviam dito, e quebra o silêncio em que encontrava, no final do romance, ao perguntar para a avó:

Por que nunca me contou nada disso, vó, por que a senhora me escondeu essa história? Por que nunca te contei? Mas que história eu tinha para te contar, que história eu posso te contar? A única coisa que eu sei de verdade é que a minha Bela morreu, morreu assassinada com dois tiros. Como alguém conta isso para uma criança? Como eu poderia ter falado isso para você? (Martes, 2023, p. 183).

A partir de sua jornada, Clara percebe que o enfrentamento do silêncio foge à responsabilidade de uma criança. No entanto, há uma semente para o futuro, em que a tarefa de testemunhar o evento limite de ter nascido no dia em que a mãe faleceu passará de um desejo a uma ação, que provavelmente envolverá a palavra escrita³.

Entre o silêncio e o testemunho: autorias em ebulição

Os narradores dos romances de Lage e Martes trazem crianças que cresceram imersas nos silêncios dos avós e que, por meio da leitura e da escrita, conseguem desvendar a trama em que estão inseridas. No romance de Lage, Melina se impressiona com o fato de Daniel ter começado a escrever quando criança: “Você escreve desde criança, ela diz. Uma criança, um pedaço de nada ainda, já envolvido com as palavras. Isso é assustador. você não percebe, você já olhava o mundo, fazia narrativas sobre ele, uma criança” (Lage, 2019, p.73). No romance de Martes, a escrita inicia perto do final do livro, que pode ser lido como um processo que se completará no futuro. Já o personagem Daniel faz o caminho inverso, pois já está adulto e relembra a tumultuada infância: “Havia um avô e um menino, contei à Melina, esse menino cresceu imerso no silêncio do avô. Não sei se era alegre ou triste, era uma criança que não sabia da sua história, não sabia de nada” (Lage, 2019, p.25).

³ “Liberdades democráticas, ditadura, comunista. Mesmo sem entender, só por ter procurado estas palavras no dicionário, eu me sentia mais velha, coisa que sempre sonhava. Tão difíceis e tão cheias de segredo, complicadas de falar e de escrever. Ir atrás delas me levava pra mais perto do meu pai e da minha mãe, e eu gostava, mesmo sem saber se ainda queria, e o que elas significavam, porque me faziam sentir agarrando alguma coisa lá longe, sem contar com a ajuda de ninguém. Crescendo, eu saberia”. (Martes, 2019, p.145)

De modo semelhante, Clara cresce com os avós em silêncio, com uma recusa constante em falar sobre o que aconteceu: “Se for passageiro é melhor esquecer, nem pensar muito, deixa quieto que passa. Se for duradouro, melhor calar a boca de uma vez. Então é sempre a mesma desculpa, ninguém sabe nada, não viu nada, não fala nada” (Martes, 2023, p.155). Apesar do silêncio, nota-se o mal-estar que paira, em um recalque de situações e traumas que deveriam ser elaborados, mas que são apenas jogados para debaixo do tapete. A infância de Daniel não se diferencia muito, devido ao peso do silêncio e da violência que ocorreu na separação entre a mãe e ele: “Por muito tempo, não pensei na minha infância, era como se tivesse passado por ela de olhos fechados. A escola, os amigos, os livros, os cadernos, a professora (Lage, 2019, p.25).

A respeito dos restos, o romance de Martes indica a fragilidade da memória quando o que restou das fotografias foi inundado e tornou-se irrecuperável: “A porta estava bem fechada, acendi a luz. Agarrei a caixa encharcada achando que a culpa foi minha, não tampei direito, a água entrou. As fotos meladas, manchadas, grudadas uma na outra” (Martes, 2023, p.41-42). Nota-se aqui a dificuldade em recuperar as memórias daqueles que foram torturados e assassinados, que se fazem presentes em sua ausência, especialmente no caso dos filhos dos militantes políticos. Daniel também não tem suporte para imaginar seus pais além de uma única fotografia da mãe: “O rosto do pai não está em nenhuma fotografia. O rosto da mãe está numa única foto dada pelo avô com a sentença, foi o que restou” (Lage, 2019, p.37). Daniel esboça narrativas sobre os possíveis desfechos que ocorreram com sua mãe desde criança, o que assusta as pessoas, ao mesmo tempo que é um ato compreensível e triste. Melina comenta que a escrita de literatura depende de um recuo interior, e de certa maturidade de observação dos fatos, o que era inesperado e inusitado por parte de uma criança que ingressara há pouco na escolarização: “é preciso dar um passo para trás, se distanciar das coisas. Como você conseguia, tão novo, essa distância. Há algo de perverso nisso, ou de extremamente inocente. (...) Você andava ingenuamente entre os papéis e as frases que escrevia? Que frases eram essas?” (Lage, 2019, p.73). A professora tenta intervir e chama o avô do menino na escola:

O avô não apareceu, a professora, inconformada, não sabia o que fazer comigo. Um menino que imaginava a morte da mãe de diferentes formas. Que colocava sangue e violência nessas mortes. [...] A professora tinha pedido uma redação sobre o que gostávamos de

imaginar, aventuras e tesouros, monstros e tempestades, descobrimentos, ilhas, mas ela não esperava aquilo. Ele é só um menino, sussurrava para a diretora, a redação sobre a mesa (Lage, 2019, p.25).

Em contraponto à professora, que tenta, ainda que inutilmente, amenizar o peso de Daniel, o avô deixa que o menino acesse as informações para que ele busque explicações sobre o que aconteceu de modo independente, pois não consegue falar a respeito do que aconteceu com a filha, pois carregava a culpa de ter agido para que ela fosse pega pelos militares. Por outro lado, o avô não esperava que a filha fosse de fato desaparecer:

Ele nunca escondia os jornais, nunca desligava o rádio nem a TV. Era um descuido, eu já havia aprendido a ler, escutava e via tudo com atenção. Hoje interpreto o gesto de outra forma. (...) Ele queria que eu lesse, queria que eu visse e ouvisse. Era a sua forma de me dizer, já que não era capaz. Foi o seu modo de se redimir do silêncio que me impunha desde o meu nascimento (Lage, 2019, p.26).

As informações encontram o menino, que está como um receptáculo, curioso e ansioso por respostas. Clara cresce no silêncio também, em que não sabe quem foram os pais ou ainda sua família por parte de pai, onde moraram, o que aconteceu para que houvesse tal distanciamento. Do mesmo modo, ela busca informações o tempo todo. A menina procura avidamente mas encontra apenas:

Um jogo de memória sem memória, porque eu não sabia quase nada sobre a minha mãe e menos ainda sobre a família dela, a não ser que eram filhos de imigrantes, dois ou três parentes no Brasil, em algum lugar longe da vila. Da família do meu pai eu não conhecia ninguém, nem tinha ideia de onde moravam, de onde tinham vindo, não sabia nada, nada (Martes, 2023, p.40).

Pode-se afirmar que é a lacuna deixada pelo trauma que fomenta a curiosidade de buscar informações, de entender o que aconteceu e poder relatar o que ocorreu de diferentes maneiras, para lidar com o fardo. Ao se perceberem como testemunhas, os dois personagens exercitam a escrita, com a finalidade de um dia poderem falar sobre as violências que ocorreram e romper o silêncio:

Sempre há algo já existente no processo da escrita, você não acha. escrever nunca começa do nada, de um ponto vazio, inabitado, limpo, nunca se começou, o próprio papel é outra coisa transformada. Escrevemos e tocamos nessas fibras esgarçadas, amassadas e

prensadas; escrevemos e vestimos as roupas usadas, limpamos a sujeira, nos afogamos na água e secamos ao sol (Lage, 2019, p.72-73).

Nesse sentido, existe um trabalho de rememoração e de luto que ocorre pela escrita, que é elaborada tanto como enfrentamento quanto para preservar a memória possível sobre os mortos. A partir desta luta tensa e árdua, Daniel cresceu e consegue exercitar sua imaginação para dar conta das experiências que podem ter se aproximado ao que ocorreu com sua mãe, enquanto Clara aponta para um projeto de futuro em que será possível passar a história a limpo e contar mais versões sobre o que ocorreu durante o período ditatorial brasileiro em diferentes estados e que envolveu diferentes classes sociais.

Considerações finais

A partir dos romances, observa-se uma nova vertente de narradores nos romances contemporâneos sobre os anos de ditadura militar no Brasil, que ocorrem a partir da voz infantil. Nesse sentido, conforme Gabriel Vieira (2016) argumenta a respeito da transformação da experiência narrada em forma sensível, que “permite a encenação do repertório de criação” (2016, p.3122) pelos narradores, dá margem para experimentações de linguagem/metalinguagem para abordar temas diversos. Assim, a partir das narrações infantis sobre o legado da ditadura, ocorre o processo de travessia para que se dê o testemunho, em um inventário entre ausências e presenças, lembrar e esquecer, sentir e escrever. Nota-se também a necessidade de elaborar o luto, que não foi devidamente feito no país (Ginzburg, 2010), o que a linguagem possibilita através da escrita literária e do processo catártico que a literatura traz à tona para que seja possível enterrar os mortos:

Precisamos, pois, enterrar os mortos para saber que nós, igualmente mortais, seremos também enterrados quando morrermos, enterrados e lembrados por aqueles que vêm depois de nós. Os mortos não sepultados como que atormentam os vivos, de maneira dolorosa seus herdeiros e descendentes, mas também e sem dúvida seus algozes passados, que, mesmo quando afirmam não se arrepender, reagem com tamanha violência e rapidez quando se alude ao passado (Gagnebin, 2010, p.185).

Assim, os romances permitem a elaboração complexa sobre a vida humana, o que permite experimentar os mundos possíveis e destinar os mortos aos seus espaços, que são fundamentais para o processo de luto tanto individual quanto coletivo.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. Trad. Selvino J. Assman. São Paulo: Boitempo, 2008.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CALVEIRO, Pilar. *Poder e desaparecimento*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Rumor das distâncias atravessadas”. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. “O preço de uma reconciliação extorquida”. In: TELES, Edson (org.); SAFATLE, Vladimir (org.). *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- GINZBURG, Jaime. “Escritas da tortura”. In: TELES, Edson (org.); SAFATLE, Vladimir (org.). *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- LAGE, Claudia. *O corpo interminável*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MARTES, Ana Maria Braga. *Sobre o que não falamos*. São Paulo: Editora 34, 2023.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Campinas: Editora da Unicamp, 2023.
- VIEIRA, Gabriel Carrara. Estratégias do narrador contemporâneo e a construção da experiência em “Reprodução”, de Bernardo Carvalho. In: *XV ENCONTRO DA ABRALIC*, 15, 2016, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2016. p. 3114-3123. Disponível em: <https://abralic.org.br/anais-artigos/?id=1753>. Acesso em: 17/04/2025.

Recebido em: 03/01/2025

Aceito em: 30/05/2025